

FESTIVAL DE SINTRA

AS SUAS ORIGENS E PERCURSO

Início – Primeira fase – 1957/1974

- **Dois eventos prévios a 1957, anteciparam o início do Festival de Sintra.**
- **Um ocorreu em 1949, sob a direcção do maestro Ivo Cruz e promovido pelo *Instituto de Sintra* (instituição cultural) designado por *Festivais de Sintra*.**
- **Tratou-se de um conjunto de recitais e concertos que tiveram lugar nos três palácios nacionais de Sintra. A programação era ainda complementada por três conferências e exposições de arte que tiveram lugar no Palácio Valenças.**
- **O segundo ocorreu em 1956, ano em que se comemorava o bicentenário do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart. O seu principal impulsionador foi o Prof. Joaquim Fontes, vereador da Câmara Municipal de Sintra.**
- **Os concertos realizaram-se no mês de agosto tendo como palcos o Palácio Nacional de Queluz e o Ex-Cineteatro Carlos Manuel (actual Centro Cultural Olga Cadaval).**
- **Esta iniciativa designada como *Festivais de Sintra*, foi de tal forma coroada de sucesso que constituiu a prova final das capacidades dos organizadores para o futuro desafio.**

Prof. Joaquim Fontes



Maestro Manuel Ivo Cruz



Jornadas Musicais de Sintra

1957

- **A partir de 1957**, este evento artístico, sempre foi organizado e tutelado, nas suas mais diferentes vertentes, quer, directamente pela Câmara Municipal de Sintra quer através da Comissão Municipal de Turismo, Serviços de Turismo e, após reestruturação operada em 1987, pela Divisão de Turismo da Câmara Municipal de Sintra), quer ainda, e já posteriormente, após a constituição da empresa municipal SintraQuorum, por esta mesma empresa.
- A partir da constituição, no ano de 2000, pela CMS da Empresa Municipal ***SintraQuorum***, o Festival passou então, a ser responsabilidade desta última. No entanto, como atrás se disse, nunca este evento deixou de ser tutelado pelo Município de Sintra, que tem sido o verdadeiro suporte e garante da sua continuidade.

Jornadas Musicais de Sintra

1957/58

- Apesar de na sua génese terem estado personalidades como o então Presidente da Câmara, Dr. César Moreira Baptista – posteriormente Secretário de Estado da Informação e Turismo e Ministro do Interior -, o Vereador **Prof. Joaquim Fontes**, entre outras figuras, existe uma figura incontornável que, **desde a segunda edição das Jornadas Musicais de Sintra em 1958** – como inicialmente e durante as suas três primeiras edições, o Festival de Sintra se designava -, foi determinante para o sucesso entretanto alcançado. Referimo-nos ao Senhor **António José Pereira Forjaz**, sucessivamente, funcionário do ex-SNI, **Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Sintra**, que, até Abril de 1974, foi, indiscutivelmente, o grande dinamizador do Festival de Sintra. Quer através da organização logística, da programação e da escolha dos locais onde decorriam as diversas manifestações artísticas, dos contactos com personalidades da vida artística portuguesa e estrangeira, quer ainda da divulgação e promoção do evento, contactos com jornalistas e musicólogos, o Senhor Pereira Forjaz acompanhava a par e passo, e de uma forma dedicada, incansável e exigente, toda a preparação e concretização do Festival.

António José Pereira Forjaz



Jornadas Musicais de Sintra

1957/58

- **No capítulo da organização e, sobretudo na programação do Festival, António José Pereira Forjaz contou com o inestimável apoio de várias figuras notáveis do panorama musical português, refiro-me ao maestro Manuel Ivo Cruz, ao pianista José Carlos Sequeira Costa e ao musicólogo Luís Pereira Leal, entre outros.**
- Extremamente rigoroso, constantemente preocupado com o bom decorrer do Festival, Pereira Forjaz examinava pessoalmente todos os actos e procedimentos da organização, nada deixando ao acaso.
- Tive a grata oportunidade de pessoalmente, e ao longo de vários anos ter o privilégio de fazer parte da tal equipa por ele liderada, e, ano após ano, edição após edição, ir assistindo ao *crescimento* e, sobretudo ao reconhecimento público desta *pequena-grande* organização que, sem os recursos humanos e, sobretudo, financeiros de outros festivais semelhantes, **fizeram do Festival de Sintra um dos mais prestigiados e aclamados do nosso País.**
- O respeito e admiração que, de uma forma geral, todos nutriam pelo Sr. Forjaz era patente nas inúmeras mensagens escritas ou orais que lhe endereçavam, desde jornalistas e críticos musicais, até aos músicos, bailarinos, actores, chefes de orquestra, coreógrafos, directores de companhias, conferencistas, e funcionários dos serviços da Câmara.

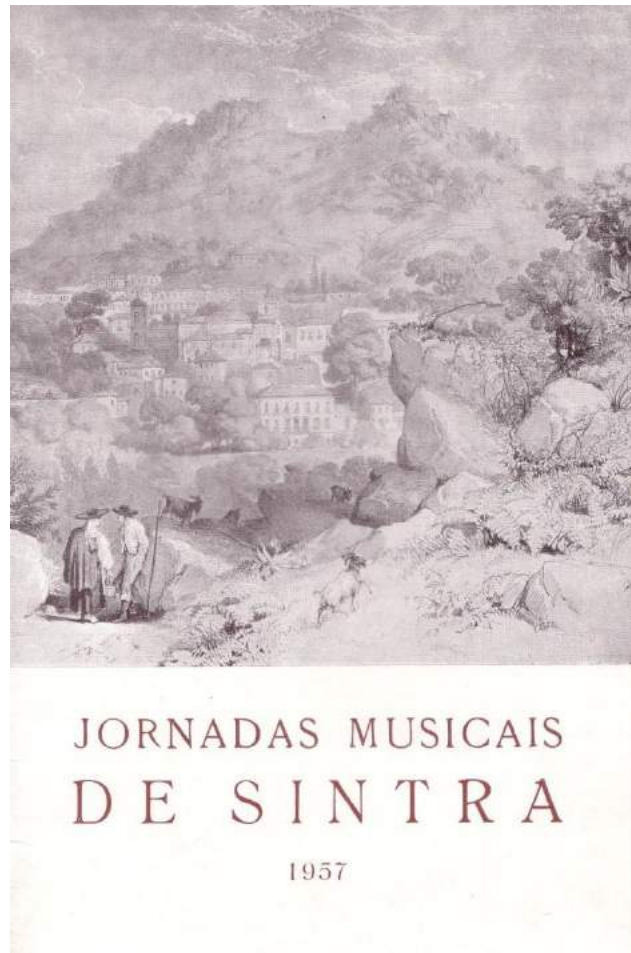
Luís Pereira Leal



José Carlos Sequeira Costa



JORNADAS MUSICAIS DE SINTRA 1957



Jornadas Musicais de Sintra 1957



A
CÂMARA MUNICIPAL
E A
COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO
DE SINTRA

APRESENTAM AS

JORNADAS
MUSICAIS
DE SINTRA
DE 1957

COM O PATROCÍNIO DO SECRETARIADO NACIONAL
DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

P R O G R A M A

PROGRAMA

PARQUE DE SETEAIS — 10 DE AGOSTO DE 1957

PROGRAMA

SERENATA

Coreografia de MARGARIDA DE ABREU

Música de MOZART

Figurinos de ABILIO DE MATTOS E SILVA

ELSA MASTBAUM — BENTO JOSÉ DA CÂMARA

Maria da Graça Bessa — Teresa Furtado — Elisa Worm — Ray Palmiro — Fernando Mateus — João d'Avila — Armando Jorge — Rena Castilho — Sílvia Lino — Thaia Ramalho — Teresa Duval — Maria Magdalena — Fátima Moreira Baptista

INTERVALO

O PASSEIO PÚBLICO

Coreografia de MARGARIDA DE ABREU

Música de ELVIRA DE FREITAS

Cenário e figurinos de ABILIO DE MATTOS E SILVA

Este bailado procura sugerir uma feição da vida lisboeta directamente ligada aos primeiros anos da «belle époque». No Passeio Público acotovelam-se as classes e os idílios. A artista ofusca a burguesa que a olha desdenhosamente, mas não pode evitar a confusão na hoste dos seus apaixonados. Nesse tempo, porém, a vida era risonha e as áreas moidas num velho realejo limitando-se a sublinhar com ironia alguns namoros desencontrados... e tudo se funde na animação geral no fim da tarde.

A Artista	LUISA BALDAC
A Burguesa	ISABEL AFFONSECA
O Homem do realejo	PEDRO MARCOS
3 Pares	Teresa Furtado — Nuno Corterreal Rena Castilho — Fernando Mateus Gabriela Orgaz — João d'Avila
2 Meninas	Maria da Graça Bessa — Elisa Worm
2 Janotas	Carlos Murillo — Armando Jorge

INTERVALO

NOCTURNO

Coreografia de MARGARIDA DE ABREU

Música de DEBUSSY

Figurinos de JOÃO SALO

«NUAGES»

ELSA MASTBAUM — LUISA BALDAC

BENTO JOSÉ DA CÂMARA

Rena Castilho, Maria Magdalena, Teresa do Valle, Maria da Graça Bessa, Elisa Worm, Teresa Furtado, Fátima Moreira Baptista, Thaia Ramalho, Manuela Benamor, Gabriela Orgaz, Sílvia Lino, Cidália e Luisa Grade

«CLAIR DE LUNE»

ELSA MASTBAUM — BENTO JOSÉ DA CÂMARA

«FÊTES»

(por ordem de entradas)

Isabel Affonseca, Nuno Corterreal, Maria da Graça Bessa, Teresa Furtado, Elisa Worm, Pedro Marcos, Fernando Mateus, João d'Avila, Armando Jorge e conjunto Elsa Mastbaum - Bento José da Câmara - Luisa Baldac

PROGRAMA

REALIZAÇÃO, DIRECÇÃO E COREGRAFIA DE
MARGARIDA DE ABREU
FIGURINOS E DIRECTOR DE CENA
ABÍLIO DE MATTOS E SILVA

BENTO JOSÉ DA CÂMARA

ELSA MASTBAUM * ISABEL AFFONSECA
LUISA BALDAC * PEDRO MARCOS

Maria da Graça Bessa / Elisa Worm / Teresa Furtado
Rena Castilho / Thaia Ramalho / Teresa Duwal
Sílvia Lino / Maria Magdalena / Nuno Cortereal
Fernando Mateus / Armando Jorge / Fátima Baptista
Gabriela Orgaz

GUARDA-ROUPA DO C. I. C. DIRIGIDO POR:
MARIA ISABEL DE MATTOS E SILVA

Electricista - Chefe:
LIÈGE D'ALMEIDA

Círculo de Iniciação Coreográfica Margarida de Abreu Jardins de Seteais – 10 de Agosto

CÍRCULO DE INICIAÇÃO COREOGRÁFICA

FUNDADO EM 1946

FUNÇÃO

As funções do Círculo de Iniciação Coreográfica, vinculadas ao ensino e à prática da Academia de Ballet, abrangem a formação de artistas, de bailarinos e de, em menor grau, de gente e comprometo por uma forma de arte.

Longe do âmbito de um simples ensino, o Círculo de Iniciação e ensino ao qual se dedica é essencialmente... (Para os interessados, realidades, por um sentido que se tem, por si mesmas, plásticas, por um sentido que se sente, tanto quanto do tempo e do espaço.

ACTIVIDADE

DEBUTANTES: 1946 — Lisboa; 1947 — Lisboa; 1948 — Lisboa; 1949 — Lisboa; 1950 — Lisboa, Coimbra e Faro; 1951 — Lisboa e Coimbra; 1952 — Lisboa e Colégio de Portugal; 1953 — Lisboa; 1954 — Alentejo e Coimbra; 1955 — Lisboa, Guarda, Beira, Coimbra e Trás-os-Montes; 1956 — Lisboa; 1957 — Braga, Lisboa e Seteais.

COLABORA NAS TEMPORADAS DE ÓPERA DE:

S. CARLOS — 1945, 1949, 1950 e 1951.

COLÓNIA — 1952, 1953, 1954 e 1955.

FORMAÇÃO DE INTERPRETES (por ordem alfabética):

Amélia Silva, Amélia Melo, Ana Lúcia, Ana Maria, Beatriz Pereira, Din Machado, Georgette Vitorino, Hilda Horta, Inês Pereira, Isabel Almeida, Inês Pereira, Lúcia Silva, Lúcia Vitorino, Lúcia Vitorino, Paul António, Aurora Ribeiro, António Carlos, Diana José de Almeida, Diana António, Fernando Lima, João Silva, José Miguel, José Luís, José Manuel, Luís Botelho, Paulo Soares, Paula Maria e Teresa do Carmo.

Jornadas Musicais de Sintra

1957

**Jornadas Musicais de Sintra
1957**



**Parque de Seteais
10 de Agosto**

Jornadas Musicais de Sintra

1957

**Jornadas Musicais de Sintra
1957**



**Parque de Seteais
10 de Agosto**

Jornadas Musicais de Sintra

1957

**Jornadas Musicais de Sintra
1957**



**Palácio Nacional de Queluz
20 de Agosto**

Jornadas Musicais de Sintra - 1957

Concerto pelo Quarteto de Lisboa

Nella Maïssa, Leonor de Sousa Prado, François Broos, Mário Camerini



Jornadas Musicais de Sintra - 1957



Jornadas Musicais de Sintra – 1957

Concerto pela **Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional** dirigida pelo **Maestro Pedro de Freitas Branco**

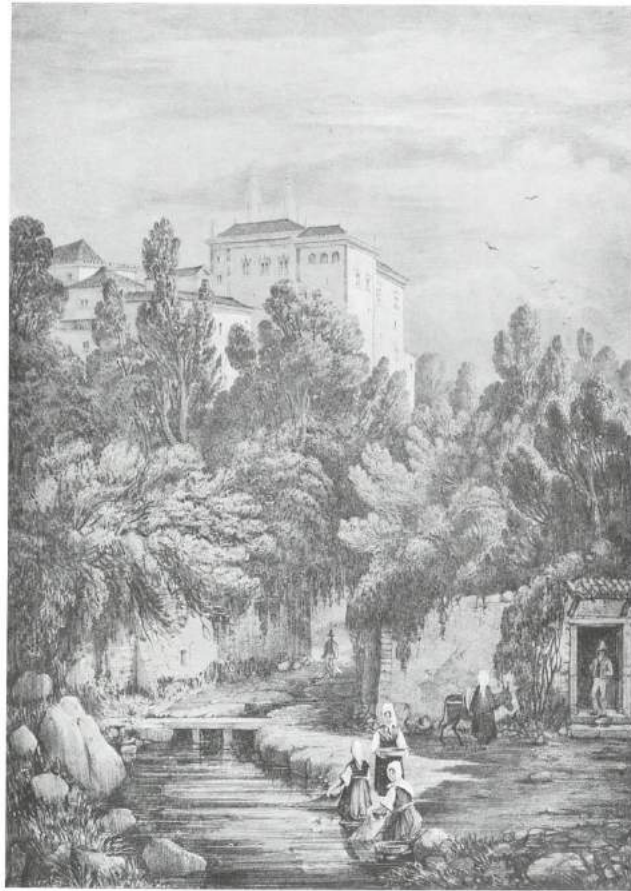


João de Freitas Branco

Palácio Valenças



2as. Jornadas Musicais de Sintra 1958



*II JORNADAS MUSICAIS DE SINTRA
1958*

2as. Jornadas Musicais de Sintra 1958



*A Câmara Municipal de Sintra
e a Comissão Municipal de Turismo*

APRESENTAM AS

II JORNADAS MUSICAIS DE SINTRA

com o patrocínio do

*Secretariado Nacional da Informação,
Cultura Popular e Turismo*

e a colaboração da

Emissora Nacional de Rádiodifusão

PROGRAMA-GERAL

3º. Festival de Sintra 1959



5º. Festival de Sintra 1961



6º. Festival de Sintra 1962



**VI
FESTIVAL
DE
SINTRA**
15 a 30 de Agosto
de
1962

PROGRAMA GERAL

15 DE AGOSTO
Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra:
Concerto sinfónico: ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMIS-
SORIA NACIONAL, Solista: ALAN LOVEDAY (violino).
Mestre-Director: SILVA FERREIRA.

16 DE AGOSTO
Sala da Biblioteca do Palácio Valenças, em Sintra:
«MÚSICA E LITERATURA: TRECOS MÚSICAIS NUM
ROMANCE INÉDITO», conferência pelo escritor FRAN-
CISCO COSTA (Interpretação de Catarina Avellar e Carlos
Wallenstein).

17 DE AGOSTO
Igreja de Santa Maria de Sintra
Concerto Coral Sinfónico pelo «CORO DE JOÃO
SEBASTIÃO BACH»; Maestro: PIERRE SALZMANN;
ACADEMIA DOS INSTRUMENTISTAS DE MÚSICA DE
CÂMARA, Solistas: GERMANA MEDEIROS, MARIA
FERNANDA CRUZ, FERNANDO SERAFIM e HUGO
CASALS.

18 DE AGOSTO
Palácio Nacional de Sintra:
Concert. pelo TRIO DE LISBOA.

21 DE AGOSTO
Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra:
Recital pelo pianista JULIUS KATCHEN.

22 DE AGOSTO
Sala da Biblioteca do Palácio Valenças, em Sintra:
«MÚSICA E DANÇA», conferência pelo Professor TOMÁS
RIBAS (Ilustrações coreográficas por Madalena Leçaurre,
Luciano Durjinski, Albino de Meneses, Estanardo Matias e Victor
Constantino).

23 DE AGOSTO
Palácio Nacional de Queluz:
Concerto pela ACADEMIA DOS INSTRUMENTISTAS DE
MÚSICA DE CÂMARA.

24 DE AGOSTO
Sala da Biblioteca do Palácio Valenças, em Sintra:
«A MÚSICA E A NATUREZA», conferência pelo
Dr. JOÃO DE FREITAS BRANCO (ilustrações musicais).

25 DE AGOSTO
Palácio Nacional de Queluz:
Concerto pelo QUARTETO DE LISBOA.

27 DE AGOSTO
Sala da Biblioteca do Palácio Valenças, em Sintra:
Recital pela pianista brasileira CRISTINA ORTIZ.

28 DE AGOSTO
Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra:
Recital pelo violoncelista MAURICE EISENBERG, com a
colaboração de HELENA MOREIRA DE SÁ E COSTA.

29 DE AGOSTO
Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra:
Concerto pelo OCTETO DA ORQUESTRA FILARMÓ-
NICA DE BERLIM.

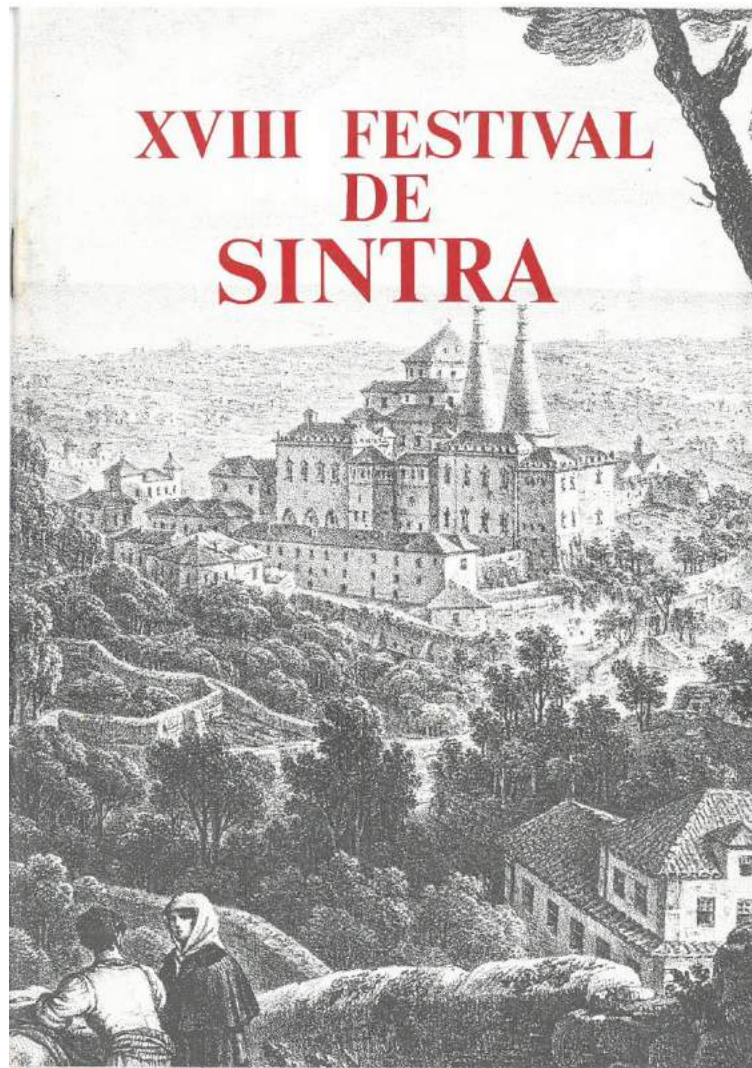
30 DE AGOSTO
Palácio Nacional de Queluz:
Concerto pelo OCTETO DA ORQUESTRA FILARMÓ-
NICA DE BERLIM.

ed. Vírio

Segunda fase – depois de 1983

- Posteriormente, e após um interregno de nove anos - entre 1974 e 1983 -, foi também um Presidente de Câmara, no caso, o Dr. **Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho**, - também ele um sintrense -, pessoa de enorme sensibilidade artística e intelectual, óptimo relacionamento humano, que **reatou o Festival de Sintra no ano de 1983**.
- Durante os dois mandatos em que presidiu aos destinos de Sintra – entre 1983 e 1990 - Fernando Tavares de Carvalho não só relançou o Festival como o alcandorou a um outro patamar artístico internacional. Para tal basta lembrar que foi durante a sua passagem pela CMS, que, integrados no Festival, se iniciaram os **ciclos de espectáculos de recriação histórica**, que tanto sucesso obtiveram e tão boas recordações deixaram. Inicialmente com o ***Luz e Som***, espectáculo que decorreu entre **1985 e 1987** e que tinha como **cenário natural a frontaria do Paço Real de Sintra**, e, posteriormente, as ***Noites de Queluz***, recriação de uma soirée da Corte Portuguesa do Século XVIII, nos jardins e Palácio Nacional de Queluz, evento que se iniciou em **1987** e que se realizou com imenso sucesso até ao ano de **1993**. Este último, terá sido porventura o evento de maior sucesso de quantos a CMS produziu ao longo de décadas neste município.

18^o. Festival de Sintra 1983



18º. Festival de Sintra 1983

Durante dezassete anos consecutivos o Festival de Sintra alcançou agrado e prestígio entre o público melómano, entre os Sintrenses de raiz e os de simpatia, nacionais e estrangeiros. A qualidade artística das realizações acertava com um dos quadros mais aliantes que um festival de arte pode pretender, ao encontro de atributos indispensáveis que Denis de Rougemont definiu e recomendou: deve tratar-se de uma festa, com um carácter excepcional que se afaste da rotina das temporadas artísticas regulares de Inverno, criando atmosfera especial para a qual devem contribuir não apenas a qualidade das obras e suas execuções, mas também a paisagem, o ambiente e a tradição duma região.

Neste Verão, reata-se a sequência iniciada em 1957, em proporções reduzidas, que se procurarão mais amplas e melhor estruturadas nos anos vindouros. Assim se pensa, ao retomar uma tradição prestigiosa e de boa memória, promover a descentralização de manifestações culturais, atributo de um festival de Verão, constituindo ainda ensaio de que a Câmara Municipal de Sintra poderá tirar proveito para próximas actividades especialmente atentas à educação e promoção cultural entre a juventude.

A alegria de ver renascer o Festival de Sintra que por certo sentirão os seus antigos frequentadores, esperamos que se junte a feliz surpresa dos que agora surjam. A esses apetece recomendar a vinda a Sintra, como o romântico Alencar dizia enlevado para o «Maestro» Cruges no inesquecível passeio queiroziano a caminho de Seteais... «mesmo para a música, para compor, para entender um Mozart, um Chopin, é necessário ter visto isto, escutado este rumor, esta melodia da ramagem...»

A Comissão Organizadora do XVIII Festival de Sintra

À MÚSICA

Só tu a cada instante nos declaras
que renegas a voz de quem divide
Que a única verdade é haver almas
terrível impostura haver países
Que tanto tens das aves o desgarre
como o expectante frémito do tigre
tanto o céu indiviso que há nas águas
quanto o múltiplo fogo que há no trigo
Que és igual e diversa em toda a parte
Que és do próprio Universo o que o sublima
Que nasces que te apagas que renasces
em procura da límpida medida
Que reges o mais puro e o mais alto
do que Deus concedeu às nossas vidas

Penafiel, 9. 8. 1980

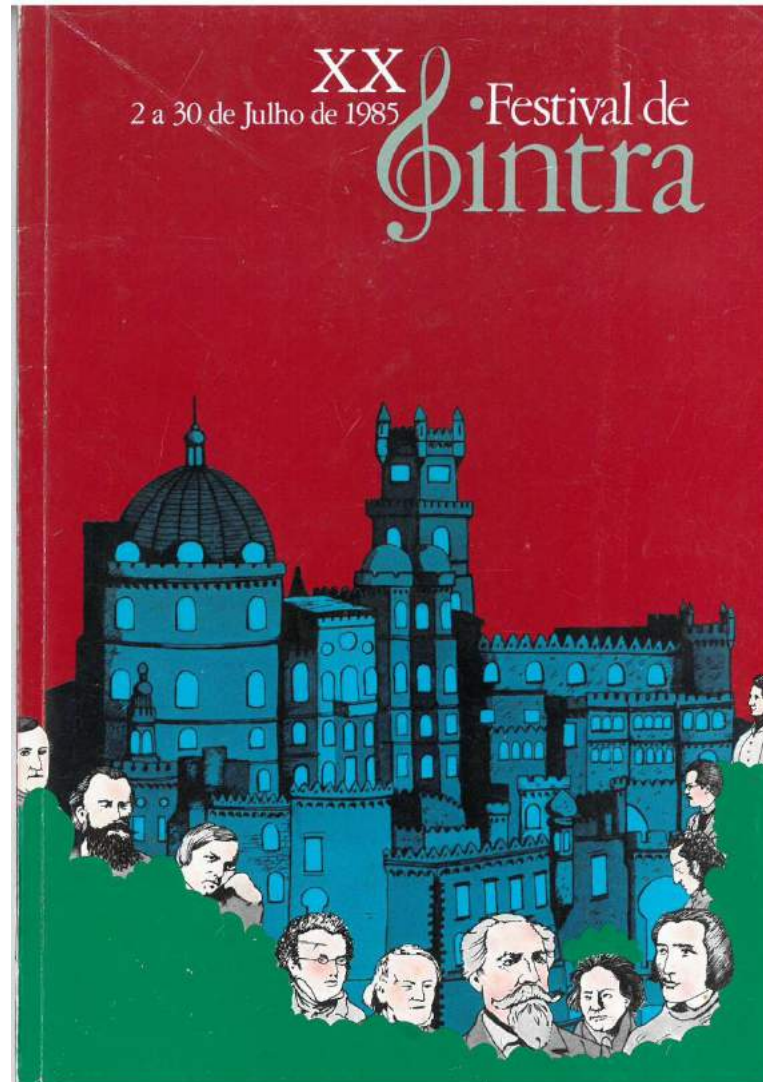
David Young Jennings

19º. Festival de Sintra

1984



20º. Festival de Sintra 1985



20º. Festival de Sintra – 1985

Homenagem a Arthur Rubinstein por João de Freitas Branco

Sábado 6 de Julho, 21.15 horas
Cine-Teatro Carlos Manuel

Homenagem a Arthur Rubinstein
Apresentação por
João de Freitas Branco



Arthur Rubinstein em Veneza
Filme de: François Reichenbach

com a participação de:

Arthur Rubinstein
Olga Cadaval
Peggy Guggenheim
Sir Ashley Clark
François Reichenbach

consultor musical: Annabelle Whitestone

produtor: Thierry Caillon

montagem: Monique Lepauve

som: Michel Brethez

mistura: Paul Bertaud

música: Monteverdi, Chopin, Schumann, Stravinsky,
Falla, Mahler e Debussy

fotografia e realização: François Reichenbach

Televisa S. A., México, 1979

falado em inglês, francês, italiano e espanhol, com legendas em italiano

François-René Duchable, piano

F. Chopin Sonata em si bemol menor, op. 35 («Marcha Fúnebre»)

Grave-Doppio movimento-Agitato

Scherzo. Presto ma non troppo

Marche funèbre

Presto

Scherzo n.º 3 em dó sustenido menor, op. 39

Nocturno n.º 2 em ré bemol maior, op. 27

Polonaise em lá bemol maior, op. 53 («Heróica»)

20º. Festival de Sintra – 1985

Homenagem a Arthur Rubinstein por João de Freitas Branco



Em cima: 7-4-1972 — Aeroporto de Lisboa (Mme. A. Rubinstein, Olga Cadaval, A. Rubinstein, L. dos Santos Ferro). Em baixo: no mesmo dia, na Quinta da Piedade (Colares), durante entrevista para a RTP (João de Freitas Branco, Olga Cadaval, A. Rubinstein). A direita: 8-4-72 — No intervalo do recital, na tribuna do Coliseu dos Recreios, após condecoração com o grande oficulado da Ordem de Santiago.



Foto de Edmundo Cagido.



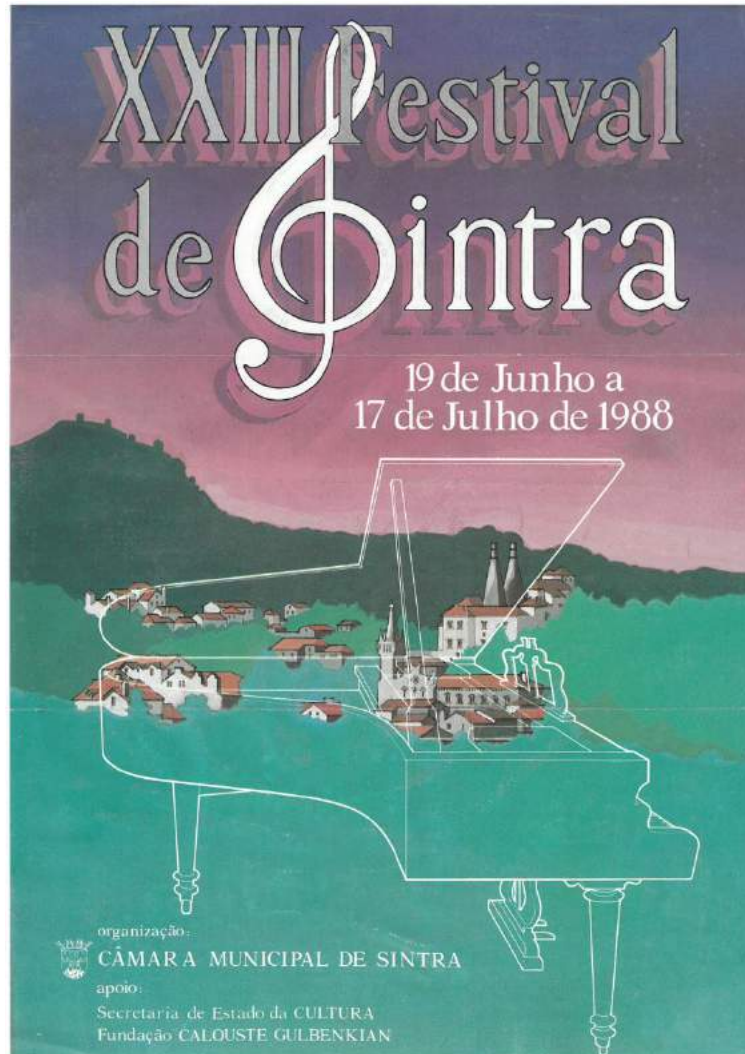
F. R. Duchâble e Arthur Rubinstein

«François Duchâble, à 22 ans, est mon choix du pianiste idéal de la jeune génération. C'est un musicien déjà mûr, doté d'une technique la plus perfectionnée. A ma grande satisfaction il sait profiter de ses dons exceptionnels pour rendre la musique telle qu'elle donne à ses auditeurs, la joie et l'émotion les plus grandes.»

Paris, 8 Juillet 1974



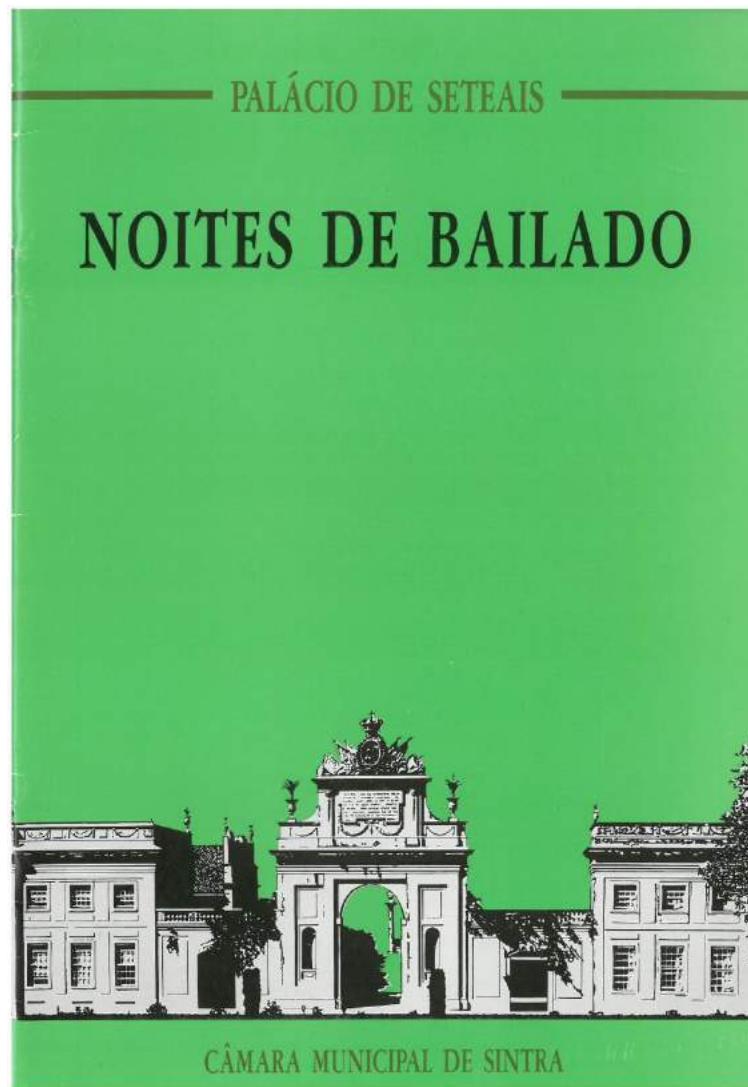
23º. Festival de Sintra 1988



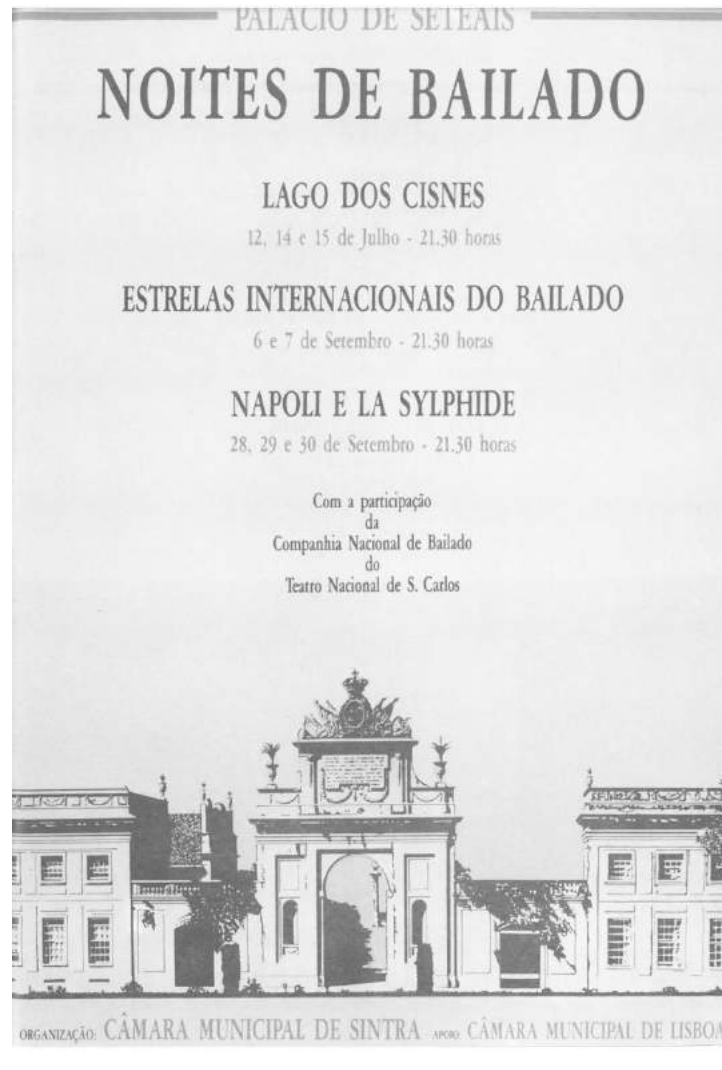
24º. Festival de Sintra 1989



24º. Festival de Sintra – Noites de Bailado em Seteais 1989



24º. Festival de Sintra – Noites de Bailado em Seteais 1989



25º. Festival de Sintra 1990



Fernando Tavares de Carvalho



Olga Nicolis de Robilant Álvares Pereira de Melo
Marquesa de Cadaval - uma mecenas muito especial
Turim, 17.01.1900 - Lisboa, 21.12.1996



Olga Nicolis de Robilant Álvares Pereira de Melo
Marquesa de Cadaval - uma mecenas muito especial
Turim, 17.01.1900 - Lisboa, 21.12.1996



**OLGA MARIA NICOLIS DI ROBILANT
ÁLVARES PEREIRA DE MELO (1900-1996)
MARCHIONESS OF CADAVAL**

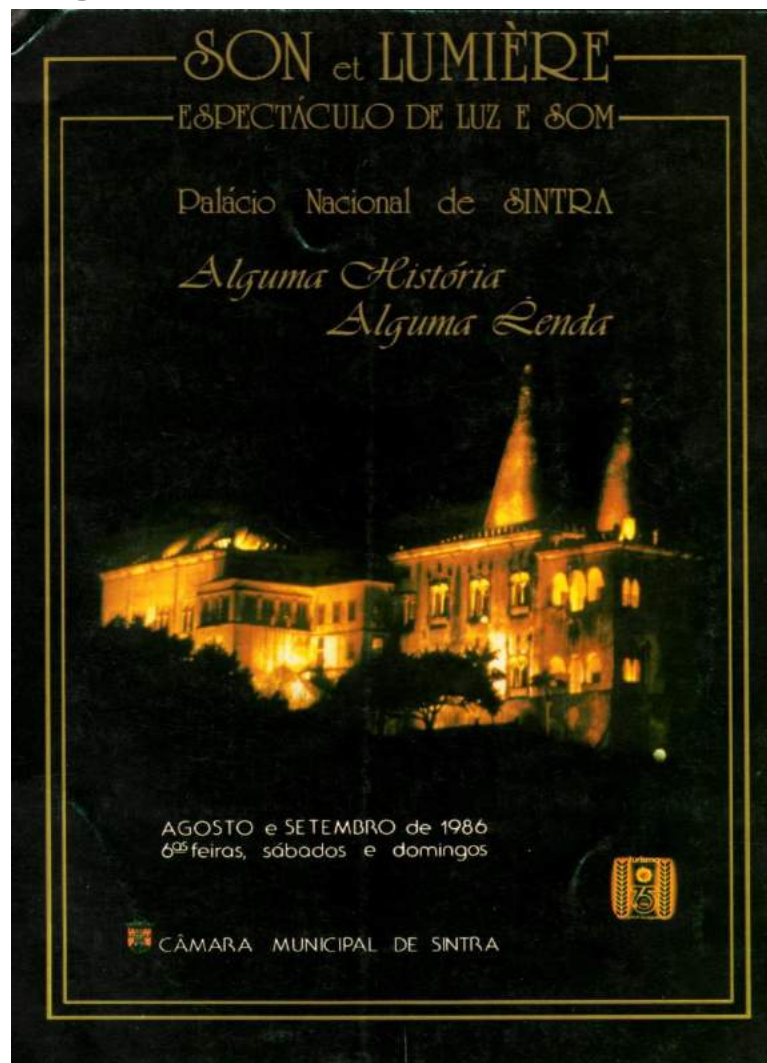
Festival de Sintra - Recriações Históricas

Luz e Som/Noites de Queluz

1985-1993

- Em qualquer destes eventos artísticos, foi possível contar com grandes figuras e talentos nacionais e estrangeiros, desde a sua concepção artística e guião, até aos próprios intervenientes – actores, cantores, bailarinos, técnicos, entre muitos outros. No capítulo organizativo, torna-se justo destacar entre muitos outros, os nomes de **Maria Germana Tânger** (autora do guião do espectáculo de Luz e Som), **Simonetta da Luz Afonso** (autora do guião das Noites de Queluz), **Vítor Serrão**, **Armando Jorge**, **Vítor Pavão dos Santos**, **Orlando Worm** (realizador do Luz e Som), **João Grosso**, para além de, na concepção das Noites de Queluz, se ter podido contar com a preciosa colaboração de **Nuno Côrte-Real** da famosa Companhia de Dança de **Maurice Béjart**, sem os quais não teria sido possível levar a cabo tão interessante iniciativa.

Espectáculo de LUZ e SOM
Palácio Nacional de Sintra
Agosto e Setembro de 1986



Espectáculo de LUZ e SOM
Palácio Nacional de Sintra
Agosto e Setembro de 1986



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SON et LUMIÈRE
ESPECTÁCULO DE LUZ E SOM

Palácio Nacional de SINTRA

Alguma História
Alguma Lenda

COM O PATROCÍNIO DA



PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.

Espectáculo de LUZ e SOM

Palácio Nacional de Sintra
Agosto e Setembro de 1986

COMISSÃO ORGANIZADORA

António Cyrne Casal Ribeiro de Carvalho (C. M. S.)
Prof.^a Maria Germana Tânger
Dr.^a Matilde de Sousa Franco
António de Noronha e Lorena (Philips)
Francisco Lyon de Castro (Europam)
Eng.^o Marcos da Silva (E. D. P.)
Dr.^a Maria Almira Medina (Jornal de Sintra)
António Borges Guerra

SECRETARIADO

Mário João Jesus Machado
Isabel de Mello
António José Pires
Mário Robalo
José Luís Leão Gonzaga

Espectáculo de LUZ e SOM

Palácio Nacional de Sintra

Agosto e Setembro de 1986

AUTORES CONSULTADOS:

Fernão Lopes, Garcia de Rezende, Carolina Michaelis de Vasconcelos, Conde de Sabugosa, Raúl Lino, Veríssimo Serrão.

POETAS (POEMAS E EXCERTOS DE POEMAS)

D. Diniz, outros poetas do Cancioneiro de Garcia de Rezende, Bernardim Ribeiro, Cristovão Falcão, Sá de Miranda, Gil Vicente, Camões, Almeida Garrett e Fernando Pessoa.



Eunice Muniz



Glória de Matos

Espectáculo de LUZ e SOM

Palácio Nacional de Sintra
Agosto e Setembro de 1986

PRODUÇÃO E TEXTO:
Maria Germana Tânger

REALIZAÇÃO:
Orlando Worm

PLANIFICAÇÃO E COORDENAÇÃO:
A. Borges Guerra

GRAVAÇÃO DE SOM:
Estúdios de Musicorde
com o apoio de Rui Remígio

SONOPLASTIA
A. da Mata Dinis

INSTALAÇÃO SONORA:
Alfasol Lda.

INSTALAÇÃO ELÉCTRICA E CONDUÇÃO
Luzeiro — Gabinete Técnico de Iluminação
para Espectáculos Lda.

Espectáculo de LUZ e SOM

Palácio Nacional de Sintra

Agosto e Setembro de 1986

«Son et Lumière» é a designação dada aos espectáculos idealizados pelo francês Paul Robert Houdain, cuja técnica consiste basicamente na utilização simultânea de uma multiplicidade de luz decorativa, animada, e de efeitos sonoros que transmitem as palavras e a música com extraordinário poder de atracção, tendo como cenário um monumento. O primeiro espectáculo assim concebido foi realizado em 1952 no Castelo de Chambord. O entusiasmo por estes espectáculos alastrou-se a muitos países como: Bélgica, Egipto, Grécia, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Itália, México e Suíça.

Em Portugal, a equipa actual de trabalho para Sintra realizou em 1980 para a Câmara Municipal de Lisboa, com o patrocínio da Philips Portuguesa, o espectáculo de homenagem a Camões, levado a efeito na Torre de Belém com assinalável êxito.

Os objectivos destes espectáculos são essencialmente culturais porque permitem reviver acontecimentos históricos ou artísticos, e são indiscutivelmente de interesse turístico.

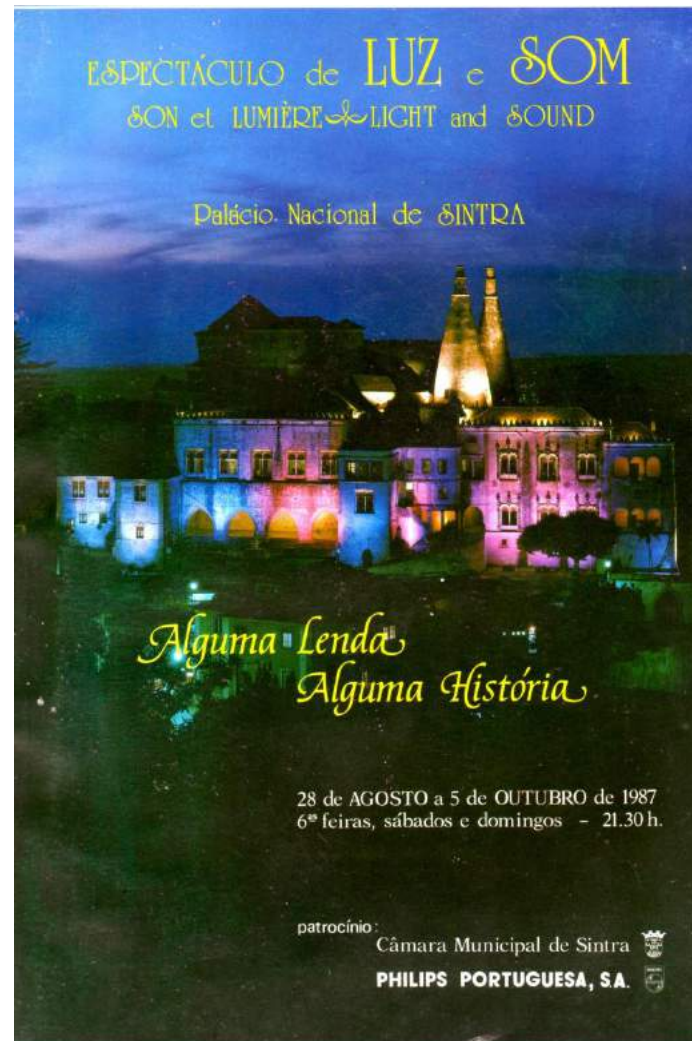
A. Borges Guerra

Com o texto deste espectáculo tentou-se uma perspectiva da vida nos PAÇOS DE SINTRA. Paços porque o foram antes de ser PALÁCIO. Aliou-se à história, baseada nos autores consultados, a imaginação, tendo o cuidado de que esta não atraísse aquela. Passadismo ou saudosismo? Não. Apenas a preocupação de que a «Luz e Som» fosse um espectáculo de que todo o português se orgulhasse. Numa hora que se espera seja agradável não cabem demagogias, nem empolamentos, nem lições.

Cabe talvez a esperança nas gentes de Portugal.

M. Germana Tânger

Espectáculo de LUZ e SOM
Palácio Nacional de Sintra
Agosto, Setembro e Outubro de 1987



Espectáculo de LUZ e SOM

Palácio Nacional de Sintra

Agosto, Setembro e Outubro de 1987

ESPECTÁCULO de LUZ e SOM
SON et LUMIÈRE - LIGHT and SOUND

FICHA TÉCNICA DO ESPECTÁCULO

TEXTOS: Coligidos por MARIA GERMANA TÂNGER e VITOR SERRÃO
GRAVAÇÃO DE SOM: RUI REMÍGIO — Estúdios Musicorde
DIRECÇÃO ARTÍSTICA: MARIA GERMANA TÂNGER
ASSISTENTE DE DIRECÇÃO ARTÍSTICA: JOÃO GROSSO
SONOPLASTIA: ROGÉRIO DE VASCONCELOS e A. DA MATA DINIZ
REALIZAÇÃO: ORLANDO WORM
MONTAGEM E CONDUÇÃO DO ESPECTÁCULO: LUZEIRO — Gab. Téc. de Iluminação para Espectáculos

VOZES

EUNICE MUÑOZ — Lindaraya e infanta D. Maria
RUI DE CARVALHO — D. João I
JACINTO RAMOS — D. Manuel I
MARIA GERMANA TÂNGER — História da Sala das Pegas
CARLOS DANIEL — CAMÕES
VICTOR DE SOUSA — Irmão de Lindaraya, D. Dinis, Aio de D. Sebastião e Pregoeiro
MARIA AMÉLIA MATTA — Narradora
GUILHERME FILIPE — Narrador
ELISA LISBOA — Ângela Sigêa
JOÃO GROSSO — D. João II
EUGÉNIA BETTENCOURT — D. Filipa de Lencastre e uma Saloia
LEONOR POEIRA — Uma Saloia
PEDRO PINHEIRO — D. Afonso Henriques e um Saloio
LUÍS LUCAS — Cavaleiro Cristão, Mensageiro e aio de D. Sebastião
JOÃO DE CARVALHO — Juiz
LUÍS PAVÃO — D. Sebastião
PAULO LAGES — Garcia de Resende, Homem Bom de Sintra e Gil Vicente
MARIA JOSÉ PASCOAL — Dama da Corte de D. Manuel
JORGE CAMPOS — Vereador
FERNANDO AZEVEDO — Chocarreiro
JOÃO DA COSTA CAMPOS — Um Cristão e André Gonçalves



Eunice Muñoz



Rui de Carvalho

Espectáculo de LUZ e SOM

Palácio Nacional de Sintra

Agosto, Setembro e Outubro de 1987

ESPECTÁCULO de LUZ e SOM

SOUND et LUMIÈRE — LIGHT and SOUND

Duas canções, uma medieval e outra renascentista, da autoria de PEDRO CALDEIRA CABRAL e interpretadas pelos cantores ISABEL BIU e ORLANDO WORM, acompanhados pelo autor.

Quatro canções: 1 - Sobre texto de Garcia de Resende; 2 - Sobre poemas de Eugénio de Andrade; 3 - Sobre poema de Camões; 4 - Prece de Fernando Pessoa.

Música e interpretação de JOSÉ CAMPOS E SOUSA

3 Danças: Medieval, Popular e Renascentista por bailarinos do DANÇA GRUPO: Clara Nisa, Fátima Nisa, Luís Carolino, Luísa Palha, Miguel Melo, Teresa Simas, Luís Carraça. Coreografias: ELISA WORM. Músicas: Spanyolr Tancz — Hans Week por Clemensic Consort; Recercada Settima — Diego Ortiz por Segréis de Lisboa.



Jacinto Ramos



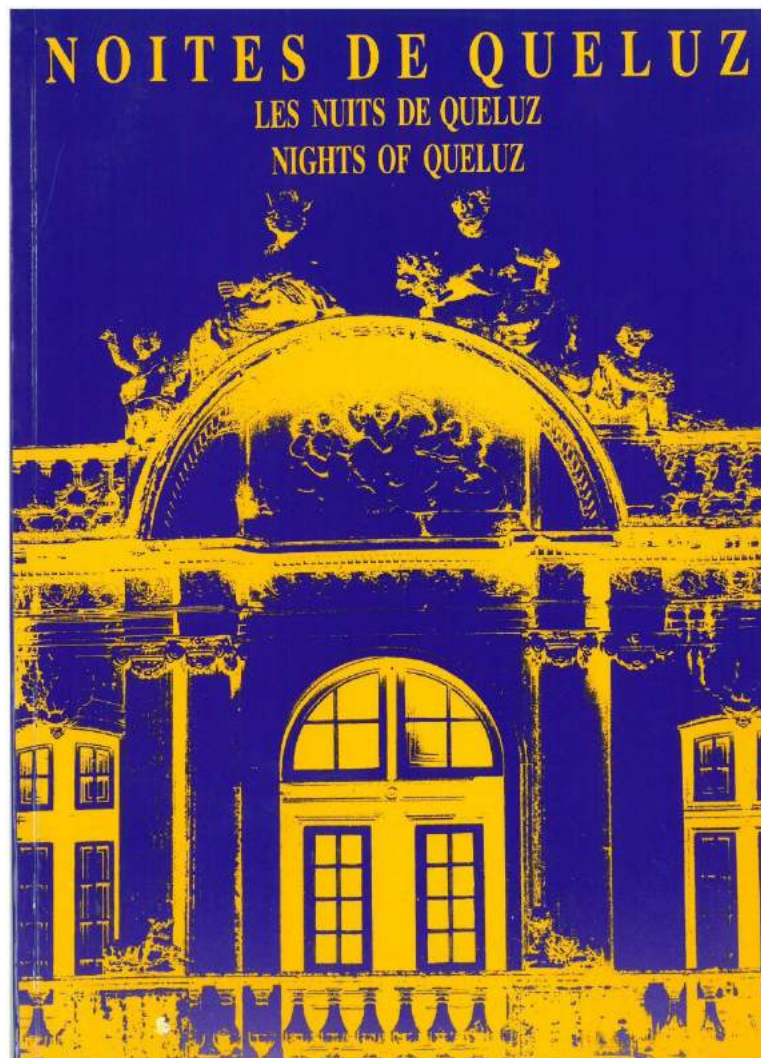
Victor de Sousa



DANÇA GRUPO

Noites de Queluz

1989



Noites de Queluz

1989

Comissão de Honra

SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
DR. MÁRIO SOARES
TERESA PATRÍCIO GOUVEIA
LICÍNIO ALBERTO ALMEIDA CUNHA
AFONSO MOURA GUEDES
FERNANDO TAVARES DE CARVALHO
JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO
OLGA ÁLVARES PEREIRA DE MELO (CADAVAL)

Comissão Executiva

JOÃO CARLOS B. GUERREIRO CIFUENTES
(Vereador do Pelouro do Turismo)
JOSÉ CARDIM RIBEIRO
MÁRIO JOÃO JESUS MACHADO
JOSÉ LUÍS LEÃO GONZAGA
LUÍS MACHADO
MARIA JOSÉ RINO

Organização

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Apoio

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Colaboração

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ / ENATUR

Apoios Publicitários

RÁDIO COMERCIAL
CORREIO DA MANHÃ RÁDIO
SÁBADO

Direcção Artística
Coreografia e Encenação
ARMANDO JORGE

Seleccção Musical
MANUEL IVO CRUZ

Assistente de Ensaíos
RUI LOPES GRAÇA

Direcção de Guarda-roupa
ERMELINDA PIMENTA DE CASTRO

Mestra de Guarda-roupa
FERNANDA DIONÍSIO

Luzes
EUGÉNIO SENA
JOSÉ MANUEL TORRÃO

Som
JOSÉ MANUEL BISSAU

Cenografia e Adereços
A. BARBIERI

Assistente de Produção
CARLOS MAIA

Coordenação de Textos
MARIA JOSÉ RINO

Coordenação Gráfica
ANA BAETA

Secretariado
ANA CRISTINA ROSA

Fotografias
LAURA CASTRO CALDAS

Capa
ANTÓNIO JOSÉ PIRES

Concepção Gráfica
OS GRÁFICOS DA GRAÇA

Noites de Queluz

1989

Uma Festa em Queluz

por SIMONETTA LUZ AFONSO

Foi durante a preparação da Exposição *William Beckford e Portugal*, apresentada no Palácio de Queluz em 1987, que a ideia deste espectáculo nasceu.

Quem, apaixonado e estudioso do séc. XVIII, poderia resistir à descrição que Beckford faz no seu *Diário**, de uma ida ao teatro do Salitre em Lisboa?

Nunca até então tínhamos tido ocasião de «ver» com tanta riqueza de pormenor um espectáculo de finais do séc. XVIII, não só o que evoluía no palco, mas também o que com igual importância decorria na plateia e nos camarotes.

Deixemo-nos, pois, transportar por W. Beckford a esse longo espectáculo de cerca de quatro horas e meia:

«[...] O espectáculo consistia na representação de uma bombástica tragédia em prosa, em três actos, intitulada *Sesostris*, em dois bailados, numa pastoral e numa farsa. [...] No camarote de boca estava a afectada Condessa de Pombeiro, cujos claros cabelos e pele cor de cera faziam curioso contraste com a negra tez de dois pagenzinhos pretos encarrapitados junto a ela, um de cada lado. É de bom tom, nesta Corte, andar-se rodeado de pretinhos africanos e vesti-los o melhor que possa. A soberana (D. Maria I) dá o exemplo: a família real anda à compita a ver quem é que faz mais mimos e carícias a D. Rosa, a favorita da Rainha, preta beijuda e de nariz esborrachado.

Um dos Bailados agradou-me muito. Ao levantar do pano, via-se o gabinete de um astrólogo, com os seus quadros, as suas feras, os seus astrolábios e as suas figuras cabalísticas. [...] Vinha depois uma espécie de *pirot*, que anunciava a chegada de uns curiosos viajantes, que entravam em cena a fazerem muitas mesuras e cortesias. [...] O astrólogo, depois de explicar as maravilhas do seu gabinete em grandes contorsões de pantomina, fez sinal aos companheiros do *pirot* para o seguirem e a cena transformou-se numa grande galeria iluminada por muitas luzes suspensas de ramos dourados. A perspectiva terminava num lanço de escadas, tendo de cada lado uma fila de figuras, segundo parecia imó-

veis: bobos, arlequins, sultões, sultanas, chefes índios, diabos e selvagens. *Pirot* trouxe para a cena um instrumento parecido com um realejo, e o amo começou a dar à manivela, acompanhado pela orquestra.

Mal se ouve o primeiro acorde todas as figuras deixam cair os braços; quando se ouve o segundo, todas as fileiras descem um degrau, e assim por diante, até chegarem ao nível do palco. E à medida que o astrólogo fazia girar mais depressa a manivela os supostos autómatos principiaram a girar de roda. Findo o bailado, repetem-se os mesmos acordes e todos eles voltam a subir a escada, tão hirtos como a desceram. [...] *Pirot*, que está morto por dar à manivela, convence o amo a ir passear e deixá-lo senhor da galeria. Aquele cede, mas recomenda-lhe que não mexa no instrumento. [...] Mal ele volta as costas logo *Pirot* começa a dar à manivela com toda a força. As figuras principiam a estremeecer como se fossem desconjuntar-se. [...] Pernas, braços e cabeças das figuras tudo entra em convulsão. [...] A música degenera também nos sons mais discordantes e agudos, e as figuras, embatendo umas de encontro às outras, e rodopiando na maior confusão, caem, prostradas no palco. [...] vem o astrólogo com o seu compasso. [...] e, [...] dando à manivela com moderação e ciência, faz levantar as figuras por si, que voltam à posição inicial».

A descrição de W. Beckford pareceu-nos poder ser o ponto fulcral de um espectáculo no Palácio de Queluz, e o cenário não oferece dúvidas: a escadaria cenográfica da Ala Robilion (construída para instalar os Aposentos da Rainha D. Maria I).

Mas para respeitar a tradição das Festas de Queluz não bastava animar um só espaço, era necessário preencher todo um vasto cenário que tinha sido concebido com essa finalidade.

Queluz nasceu como uma residência de lazer onde a Família Real portuguesa vinha, a partir de meados do séc. XVIII e até 1807, passar os meses quentes do Verão lisboeta. Daí que os seus interiores sejam relativamente exíguos e que a comunicação entre o interior e os jardins, esses sim, tratados como um grande Salão de Festas, seja facilitada pelo ritmo das portas-janelas que rompem a barreira arquitectónica das fachadas, convidando à fruição de um

* Diário de William Beckford em Portugal e Espanha, introdução e notas de Boyd Alexander, traduzido por João Gaspar Simões. Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1957, pp. 212-215.

Noites de Queluz

1989

vasto palco ornamentado com estátuas policromadas, balaustradas, lagos, cascatas, gaiolas de cristal, jaulas para animais exóticos, estufas, pavilhões e até um canal com os seus barcos...

Mas a imaginação delirante da Festa Barroca não se contentava com um cenário fixo por mais belo que fosse.

Não resistimos pois a transcrever uma saborosa notícia da Gazeta de Lisboa de 31 de Agosto de 1793 relativa às Festas executadas em Queluz sob a direcção do Marquês de Tancos, por ocasião do nascimento da Princesa D. Maria Teresa, neta primogénita da Rainha D. Maria I:

«Na tarde do dia 23 do corrente assistiam o Príncipe e a Princesa NN. SS. acompanhados da sua Corte, ao divertimento de Cavalhadas que executaram dezasseis Cavaleiros, Picadores da Casa Real, luscidamente vestidos [...] seguiu-se o combate de touros [...].

À noite se viram os passeios da quinta iluminados com lâmpões à Chinesa, e a fachada do Palácio, que cai sobre o Jardim, com vidros de várias cores, e pinturas transparentes, que pela variedade e bem imaginados emblemas, e pela acertada distribuição das luzes, oferecia à admiração dos espectadores uma vistosa e delicada perspectiva. Nos lados do Jardim havia várias máquinas transparentes, que se moviam em rodas [...]: na entrada estavam duas cascatas artificiais [...]. No fundo do passeio, em frente do mencionado jardim se achava a cascata que ali há coberta com pinturas transparentes representando as Deidades marítimas e ornadas com muitas luzes [...].

Entre as árvores, ao pé do rio, havia um grande número de lâmpões postos em enfiadas e sobre o rio um magnífico palácio *Chinês* [...]. Neste lugar se ouvia uma orquestra de excelente Música, e de outras partes da Quinta ressoava alternativamente harmoniosa Música de instrumento de vento. O Príncipe e a Princesa MM. SS. saíram a ver a iluminação, passeando por entre as pessoas que ali se achavam em quem fez uma grata impressão esta urbanidade de SS. AA. Logo que chegaram ao Jardim Novo, aonde estava preparado um balão, ou máquina aerostática, se encheu esta, e partiu ilumi-

nada, e muito vistosa pelas pinturas transparentes de que estava ornada, subindo com o melhor sucesso até se perder de vista: e assim se concluíram os divertimentos do primeiro dia. [...].

Este mundo efémero de sonho e fantasia evocado pelos documentos transcritos, escolhidos de entre muitos outros paciente e amorosamente recolhidos, constituía um desafio irresistível para um historiador ou para um artista perante a dualidade reconstituição-criação.

Não foi pois difícil encontrar entusiástica adesão nos espíritos cultos e sensíveis dos artistas como Armando Jorge e Manuel Ivo Cruz, a quem coube transformar o «sonho de um espectáculo» no espectáculo que ides ver.

No Instituto Português do Património Cultural obtivemos de imediato inestimável apoio e incentivo na pessoa do seu Presidente, Prof. Engenheiro António Lamas, designadamente no sentido da articulação deste projecto com os da abertura nocturna dos monumentos no Verão, de conservação e limpeza das estátuas e balaustradas, da recuperação e restauro dos Jogos de Água e do restauro dos Jardins.

Faltava-nos, porém, um Mecenas, que se pretendia entusiasta e generoso. Ocorreu-nos de imediato a Câmara Municipal de Sintra, por termos a experiência de quanto o seu Presidente, Dr. Fernando Tavares de Carvalho, seria sensível à importância deste espectáculo no seu impacto de promoção turístico-cultural do concelho. Não nos enganámos e, quer da sua parte, quer dos Serviços Culturais e de Turismo, encontramos desde logo o melhor apoio. Da sintonia destas participações nasceu um espectáculo cujo destinatário é o vasto e heterogéneo Público que visita o Palácio de Queluz e cujo objectivo é proporcionar-lhe uma «visita guiada» diferente no espaço do imaginário-real.

Os nossos anseios terão sido plenamente atingidos se o Espectador, apesar de duzentos anos que o separaram de William Beckford, puder como ele afirmar à saída do Teatro:

«[...] Não me envergonho de dizer quão vivamente este disparate me agradou, visto ainda ter a felicidade de me sentir, muitas vezes, uma verdadeira criança [...].»

Um Espectáculo em Queluz

por ARMANDO JORGE

A estatuária dos jardins não é apenas ornamento. Ela despertou sonhos de fantasia espiritual e as «quatro estações do ano», humanizadas em visões de donzelas, respondem aos anseios dos jovens galantes.

As «Ninfas dos Lagos» são motivos dirigidos aos espíritos requintados, capazes de (através do conhecimento da mitologia clássica, como fonte de inspiração) recriar todo esse mundo representado na pintura da época, cheio de manirismo, mas também de sensibilidade poética.

Enfim, o espectáculo propriamente dito.

Aqui, utilizando um enquadramento arquitectónico, que considero dos mais belos da nossa História de Arte, a Escadaria Robillion, onde nem sequer falta um toque de ruína numa intenção cenográfica do arquitecto, num prenúncio algo romântico da vizinha Sintra, foi construído um teatro ao ar livre.

Com a preocupação de não perturbar a beleza harmoniosa do conjunto, as suas áreas foram minuciosamente calculadas e desenhadas a fim de se enquadram neste recanto maravilhoso, tão equilibrado na sua simetria que parece estar há anos vocacionado para «UM TEATRO BARROCO AO AR LIVRE».

Desde «Pastoral» ao grande final dedicado a «Apolo», Deus das artes, vão desfilar figuras, danças, músicas e cânticos num espectáculo de fantasia, cuja finalidade, bem Setecentista, é a de puro «divertissement».

Para um espectáculo nos Jardins do Palácio de Queluz há, antes de mais, que valorizar o próprio jardim, diremos mesmo que ele é a vedeta do espectáculo.

Não será uma reconstituição histórica, que certamente acabaria enfadonha, mas antes uma «recriação» baseada na época, onde poderemos facilmente sentir os prazeres secretos dos passeantes de outrora.

As fontes, os lagos, os jardins e o parque, no seu conjunto, trespassam a noção do «rocaille» e do preciosismo ainda dominante. Há neles um certo romantismo medroso, que se vislumbra, talvez até adivinhando a misteriosa Sintra do século seguinte.

Os palácios e os castelos acontecem por razões fundamentadas. A escolha da sua implantação geográfica é produto do espírito e não podemos desligar, até no mais elementar roteiro turístico, Queluz de Sintra.

O ambiente de dois séculos consagrados ao «pensamento» completa-se. No contacto com eles, nós aprendemos mais da vida dos Homens e da sua história do que num longo curso de arte e filosofia.

Sentir o ambiente é dominante deste espectáculo, que em vez de quadros vivos, tipo cortejo histórico da reconstituição mais ou menos fiel, preferir dar ao público a liberdade, envolvendo-se na época, de imaginar para além do aparente visual.

Noites de Queluz

1989

Música nas Noites de Queluz

DIÁLOGO

por MANUEL IVO CRUZ

O rasgo genial de D. João V, que por sua vontade actualizou o gosto e os métodos da criatividade musical portuguesa com a prestigiosa presença de Domenico Scarlatti e o envio de bolseiros para Itália, originou uma série ininterrupta de valores cujo brilho se assinala logo no primeiro terço do séc. XVIII, com Carlos Seixas, Francisco António de Almeida e António Teixeira; simbolicamente podemos apontar 1830 como ponto final do impulso joanino, pois nesse ano se extinguiram no Rio de Janeiro os seus últimos representantes — Marcos Portugal e o Padre José Maurício Nunes Garcia.

Palco privilegiado para a função artística, o Palácio Real de Queluz albergou e valorizou muitos desses anos de música; documentada está a riquíssima actividade operística dos seus teatros; as frequentes serenatas, bailes e festas galantes, cortejos, cerimónias oficiais, religiosas e militares; os línguidos encantos da Modinha que em suas câmaras se afirmou como criação específica de uma cultura pluricontinental — enfim, toda uma vida em que a Música era o elemento mais constante, indispensável ao bom funcionamento do Estado e Instituições...

Os anos do apogeu de Queluz encontram-se nos reinados de D. Maria I e do seu filho D. João; a inauguração do Teatro S. Carlos, em 1793, veio deslocar a actividades das casas de ópera de todos os palácios reais para a nova sala, onde ainda hoje se conserva. Mas a vida musical de Queluz não parou nesse ano e os diversos compositores e intérpretes portugueses que habitualmente o frequentavam, continuaram a juntar-se aos numerosos maestros, instrumentistas e cantores estrangeiros (sobretudo italianos) que, como agora, pululavam entre nós.

Destes últimos é curioso destacar uma categoria especial, felizmente extinta, mas que ao tempo ocupava preponderante lugar na arte e na sociedade; refiro-me obviamente aos *castrati*, de que se referenciam em Portugal actuações de Gizziello, Guadagni, Crescentini, Angelielli e de tantos outros menos conhecidos internacionalmente.

Num quadro que se encontra na Sala das Merendas do Palácio, poderemos ler a presença de alguns desses anafados cantores em azeitado piquenique, com os trajos que normalmente usavam em cena, isto é, vestidos de mulher.

Na pequena história de Queluz, muito divertido é o episódio que se passou com o bondoso e grande

melómáno Senhor D. João VI, a propósito do famoso *castrato* italiano do nosso meio musical: Francesco Maria Angelli, uma belíssima voz de contralto, chegou a Lisboa no último decénio de setecentos, contratado para a Capela Real e Patriarcal tomando parte na maioria das óperas e serenatas que se cantaram nos palácios e pontualmente colaborando com as companhias do S. Carlos. Fixou-se entre nós e cá faleceu em 1838.

Segundo Ernesto Vieira, no indispensável *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, «... não tinha limites; conta-se que D. João VI, arrebatado uma vez por esse entusiasmo, voltou-se de repente para um dos seus camaristas, perguntando-lhe: — Hein? quantas darias tu para teres uma voz como esta do nosso Angelli? — Eu, meu Senhor... — redarguiu o malicioso fidalgo — nem metade do que ele deu!...»

No arquivo do Palácio conserva-se uma partitura manuscrita, em cuja portada se inscreve «Cavatina que canta o Sr. Crescentini, del Maestro Zingarelli». Trata-se da famosa *Ombra Adorata* da ópera «Romeo e Giulietta» do celebrado compositor Nicoló Antônio Zingarelli, autêntico cavalo de batalha de Girolamo Crescentini (1762-1846), *castrato* também acrontalado, das mais disputadas vozes do seu tempo, que foi dos primeiros empresários do S. Carlos e brilhantíssima *estrela* da Companhia Lírica.

No programa das Noites de Queluz ouviremos precisamente esta Cavatina, interpretada ao vivo pelos contratenor Mário Marques e cravista Magdalena van Zeller, na revisão e adaptação do próprio Crescentini.

Procurei enquadrar a parte musical das Noites de Queluz no critério, não muito rigorista, do que seria possível ouvir-se no Palácio até ao tempo de D. João VI; assim, inclui na banda sonora momentos musicais de Francisco António de Almeida, Pedro António Avondano, Carlos Seixas, João de Sousa Carvalho, Cordeiro da Silva, Charpentier, Rameau, Lully, Stölzel, Françoer, Mouret, Mozart e Gluck.

Na sessão de música viva, apresentam-se também modinhas luso-brasileiras do fim de Setecentos. É um panorama musical plausível e de alta qualidade, que constitui uma amostragem idealizada do que se poderia ter realmente passado numa bela e perfumada noite dos últimos anos do século da doçura de viver...

época: finais do séc. XVIII
personagens: Isabel Mendonça — 18 anos
Mafalda Mendonça — 15 anos

... havia grande agitação na casa dos Mendonça. Isabel e Mafalda estavam se preparando para a grande festa na noite seguinte. As duas irmãs Mendonça davam os últimos retoques nos toucados e nas flores.

— É verdade, mana, que também vou ao Sereñim de Queluz?

— Já a primeira vez que a jovem Mafalda Mendonça ia à noite ao Palácio dos Reis.

— É sim, Mafalda. Mas não se esqueça de tudo o que lhe ensinei.

— Não, não! Não me esqueça de nada — e batia as palmas de contente — o Senhor Nosso Pai vai à frente, depois a mana, e eu sigo-a de olhos baixos e o leque fechado. E como vai ser, mana? — Não se esqueça de trazer o seu perfume.

— Então: — os laçaios com os archotes vão fazer as palhas por onde passamos, e logo a seguir entramos na Sala do Trono.

— Está lá a Família Real?

— Não sei se está lá ou se está na Sala de Música. E vai haver música para dançar?

— A menina tem cada ideia. Vai haver música para ouvir, e muito boa música.

— E a Rainha Nossa Senhora vai sorrir para mim quando eu fizer a reverência?

— Talvez. Mas lembre-se de que a Senhora Dona Maria é muito triste.

— Que pena! Com tantas coisas bonitas à volta! E depois da música?

— Vamos para os jardins. Vai ver como vão estar bonitos: flores, estátuas, árvores, tudo iluminado!

Ah, vai ser lindo! Já me disseram que há danças sobre as estações e outras rústicas. Veja se adivinha mais.

— Cavalos? Gosto tanto de ver um carrocel!

— Isso não sei, talvez façam uma surpresa, mas há um bailado de ninfas e faunos.

— Ninfas? Mas vivem ninfas e faunos nos jardins?

— Não, menina, não vivem. É um bailado.

— Ah! E o primo Conde está lá?

— Está de certeza. Mas não se esqueça de que não pode abanar o leque quando ele a cumprimentar. Até pode pensar mal de si.

— Mas eu gosto dele...

— Deixe-o fazer a saudação com o chapéu e sorria com modéstia.

— E depois, e depois, mana?

— A Família vai à varanda e convidá-nos para a continuação da festa, seguindo até à escadaria do lado do rio.

— E nós?

— Seguimos o Senhor Nosso Pai pelo jardim. A Senhora Dona Maria e as Altezas Reais sentam-se ao alto da escada que deve transformar-se num camarote real. E nós teremos cadeiras na frente.

— E o Príncipe D. João deixa voar os pássaros que traz nos bolsos?...

— Pateice, menina, o Príncipe não anda com pássaros nos bolsos?

— Ouvi dizer... Nós sentamo-nos e...

— E começa um grande espectáculo.

— Ai que bonito! E o primo Conde?

— Deixe lá o primo! Vamos ver uma dança pastoril.

— Na escadaria?

— Sim. E lembra-se daquele Teatro do Bairro Alto onde fomos com Sir William?

— Sir William Beckford? O da má língua? Eu não fui...

— É verdade, Mafalda, a menina ficou em casa.

— Pois ele gostou muito. E sabe que ele tem muito bom gosto.

— E aquele teatro do Astrólogo, não é?

— Do Astrólogo Aprendiz.

— Como é que é aprendiz e é astrólogo?

— Vai ver. É muito engraçado.

— O que é que ele diz?

— Hoje é só dança. Mas o Sr. Mestre de Cerimónias explica.

— Também gostava de dançar... É tão bonito o meu vestido branco!

Maria Germana Tanger

Noites de Queluz

1989

NA SALA DO TRONO

Rainha D. Maria I	— Nilma Williamson
D. Maria Francisca Benedita	— João Barros
Princesa D. Carlota Joaquina	— Alexandra Maria Williamson
Príncipe D. João	— Roberto Leitão
D. Rosa	— Odete Prazeres
Damas	— Catarina Lourenço, Tereza Aurora, Verónica Pinto, Ana Lacerda
Cavalheiros	— João Carlos Petrucci, José Silvestre, Peter Brown, Alexandre Fernandes
Mestre de Cerimónias	— João Grosso

NO JARDIM DE NEPTUNO

As Ninfas dos Jardins de Queluz

Kimberley Ribeiro - Elsa Madeira - Lúcia Marta - Deng Hong Ying - Brent Williamson - Armando Nobre - Mário Franco - José Carlos Oliveira

Alexandra Jorge - Ana Pamplona - Ana Filomena - Ana Cristina Caldas - Inês Amaral - Isabel Frederico Maria João Pinto - Wanda França - Filipa Rola - Henrique Andrade - Jorge Silva - Nuno Goucha - Luis Albergaria - Rodrigo Pasten - Marco Arantes

NA CASCATA GRANDE

As Estações do Ano

Primavera	— Fátima Brito
Verão	— Mariana Paz
Outono	— Cristina de Jesus
Inverno	— Laure Barreault

NA JANELA DO QUARTO DE D. QUIXOTE

A Família Real

NA ESCADARIA ROBILLION

A Festa da Corte

DESFILE REAL

Danças da Corte

Minueto	— Maria José Branco - Miguel Lyzarro
Gavote	— Maria José Branco - Miguel Lyzarro

e
Ana Lacerda - Catarina Lourenço - Tereza Aurora - Verónica Pinto - João Carlos Petrucci - Peter Brown - Alexandre Fernandes - José Silvestre

Contradança — Kimberley Ribeiro - Elsa Madeira - Lúcia Marta - Deng Hong Ying - Brent Williamson - Armando Nobre - Mário Franco - José Carlos Oliveira

Noites de Queluz

1989

PASTORAL

Maria José Branco - Miguel Lyzarro
Laure Barreault - Fátima Brito - Mariana Paz - Cristina de Jesus - Alexandra Jorge - Ana Pamplona - Ana Filomena - Ana Cristina Caldas - Inês Amaral - Isabel Frederico - Maria João Pinto - Wanda França - Filipa Rol - Henrique Andrade - Nuno Goucha - Rodrigo Pasten - Jorge Silva

O APRENDIZ DE ASTRÓLOGO

O Aprendiz (Pierrot) — Henrique Andrade
O Astrólogo — José Silvestre
Autómatos — Kimberley Ribeiro - Elsa Madeira - Lúcia Marta - Deng Hon Ying - Cristina Caldas - Brent Williamson - Armando Nobre - Mário Franco - José Carlos Oliveira - Luis Albergaria - Marcos Arantes
Visitantes — Ana Lacerda - Verónica Pinto - João Carlos Petrucci - Alexandre Fernandes

AS TRÊS GRAÇAS

Fátima Brito - Mariana Paz - Laure Barreault

CENA LÍRICA

Ária «Ombra Adorata» — (Zingarella - Crescentini)
Modinha brasileira — Anónimo
Canto — Mário Marques (Contratenor)
Cravo — Magdalena Van Zeller

O TRIUNFO DE APOLO

As Artes

PINTURA - ESCULTURA - ARQUITECTURA - TEATRO - MÚSICA - DANÇA

As Musas — Laure Barreault - Fátima Brito - Mariana Paz - Cristina de Jesus

Apolo — Miguel Lyzarro

Poesia — Maria José Branco

Apoteóse — Ana Filomena - Maria João Pinto - Wanda França - Isabel Frederico - Inês Amaral - Alexandra Jorge - Nuno Goucha - Henrique Andrade - Rodrigo Pasten - Jorge Silva - Luis Albergaria - Marco Arantes

Noites de Queluz

1987 - 1993

— A Corte diverte-se na Real Quinta de Queluz no Verão de 1793. Deixe-se levar pelas Musas e viaje no tempo porque... As Ninfas e as Deusas, como por encanto, vão sair das estátuas de mármore... Será guiado neste labirinto de jardins de buxo e jogos de água num percurso maravilhoso que jamais esquecerá...

— La Cour s'amuse dans la Propriété Royale de Queluz en l'été de l'an 1793. Laissez-vous emporter par les Muses et voyagez dans le temps, parce que... Les Nymphes et les Déeses, comme par enchantement, surgent des statues de marbre... Vous serez guidés dans ce labyrinthe de jardins de buis et d'eau jaillissantes par un parcours merveilleux que vous n'oublierez jamais...

— The Court rejoices at the Royal Quinta de Queluz in the Summer of 1793. Let yourself be taken away by the Muses and journey in the time because... The Nymphs and Goddesses, as by enchantment, will emerge from the marble statues... You will be led in this maze of bush gardens and playing waters, so a wonder trip that you will never forget...

— Venha até ao Real-Teatro de Queluz e mergulhe no espírito-do-tempo. — Assista a um espectáculo de sonho «Uma Fantasia Rocaille» — A música, o teatro, a dança, enfim as artes estarão consigo no esplendor de um «Ballet de Cortes».

— Venez jusqu'au Théâtre Royal de Queluz et plongez dans l'esprit du temps. — Assistez à un spectacle de rêve «Une Fantaisie Rocaille» — La musique, le Théâtre, la danse, tous les arts seront avec vous dans la splendeur d'un «Ballet de Cours» — «Défilé de la Famille Royale», ou «Triomphe d'APOLLON», regardez l'«Apprentis Astrologue» avec toutes les fantaisies de son orgue de Barbarie magique.

— Come to the Royal Queluz Theatre and steep yourself in the spirit of the period. — Watch a dream performance — a «rocaille fantasia» — Music, theatre, dance, in short, the arts will be with you in the splendour of a «Court Ballet» — «Parade of the Royal Family» and the «Triumph of Apollo», watch the «Astrologer's Apprentices» with all the fantasies his magic barrel organ provides.

APRESENTAM

Noites de Queluz Les Nuits de Queluz Nights of Queluz

ESPECTÁCULO FANTASIA
SPECTACLE FÉRIQUE
FANTASIA

recriação do séc. XVIII
reproduction du XVIII^{ème} siècle
recreating the 18th century

Direcção artística
Direction artistique — Art direction

Armando Jorge

Organização

Câmara Municipal de Sintra

Apoio

Câmara Municipal de Lisboa / Enatur / Sábado / Semanário
Rádio Comercial / Correio da Manhã Rádio

AGOSTO

11, 12, 13,
18, 19, 20,
25, 26, 27

SETEMBRO

1, 2, 3, 8
9, 10, 15, 16,
17, 22, 23, 24

Às 21.30 h — At 9.30 p.m.

Noites de Queluz

1987 - 1993



Noites de Queluz

1987 - 1993



Noites de Bailado em Seteais até 2011

- De igual forma, deve-se salientar que foi no final da década de oitenta, que se iniciaram as já célebres **Noites de Bailado em Seteais**, que, nos meses de Verão, - sextas, sábados e domingos -, nos magníficos jardins do Palácio de Seteais, animavam as noites de Sintra, retomando um local que, já antes, tanto sucesso tinha obtido, pois trata-se de um cenário único para a apresentação de espectáculos de bailado.
- Por lá passaram ao longo de várias edições **algumas das melhores companhias de dança do mundo**, oferecendo aos milhares de espectadores, portugueses e estrangeiros, momentos inesquecíveis e de rara beleza plástica através das excelentes coreografias apresentadas naquele cenário de sonho.
- As **Noites de Bailado em Seteais** tais como as **Noites de Queluz** foram momentos de enormíssima qualidade artística que certamente perdurarão na memória de quantos tiveram a fortuna de neles terem participado.

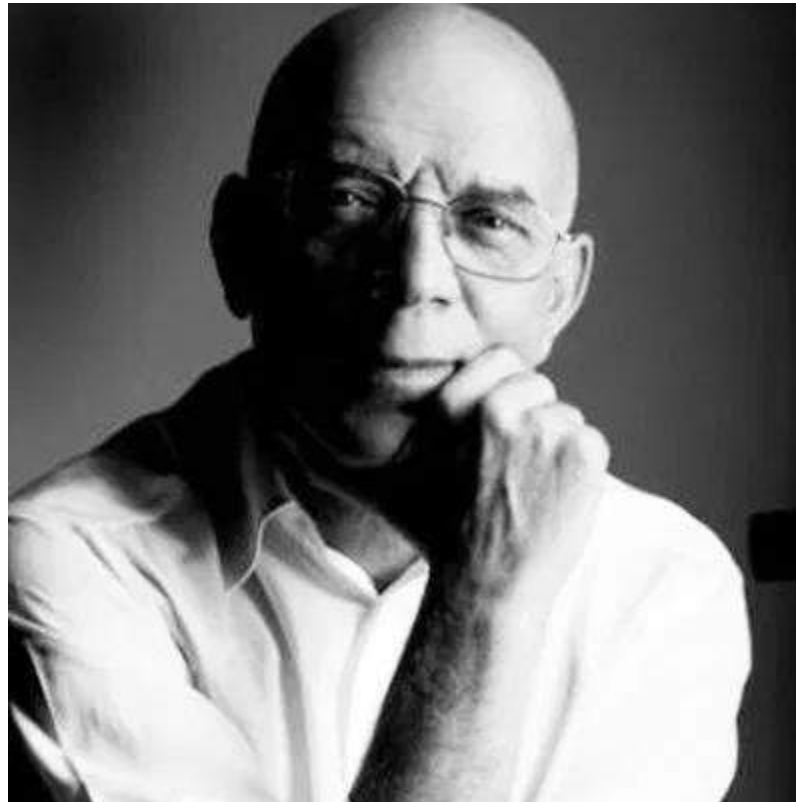
Armando Jorge

Coreógrafo e bailarino



Vasco Wellenkamp

Coreógrafo e bailarino



Festival de Música

- Foi também na década de oitenta que, no que se refere à música, **o piano se afirmou como o instrumento de eleição do Festival.**
- Por outro lado, se os palcos do Festival sempre foram os Palácios e as Quintas de Sintra, característica dominante neste contexto, - lembra-se a este propósito que, devido a um incêndio que destruiu grande parte da plateia e toda a área de palco, em 1985 -, se deixou de poder contar com o auditório do então Cineteatro Carlos Manuel, actual ***Centro Cultural Olga Cadaval***. Este era o local privilegiado para a apresentação de bailados e, sobretudo, os grandes concertos e recitais.
- Em 1988, após a aquisição pela CMS do antigo cineteatro, iniciaram-se os estudos com vista às obras de recuperação desta sala, tendo, **a partir de 2002, voltado a ser palco de apresentação de bailados e concertos do Festival de Sintra.**

Festival de Sintra

- Do ponto de vista da programação artística do Festival, e após esta ter sido assegurada por dois directores – **Luís Pereira Leal** (Musica 1983/2013), - posteriormente **Adriano Jordão** -, e **Armando Jorge** (Dança, até 2002, e **Vasco Wellenkamp**), esta é, na actualidade, assegurada por **Gabriela Canavilhas**.
- Pelo que atrás ficou descrito, melhor se compreenderá que **foi, sobretudo a partir do seu relançamento em 1983, que o Festival de Sintra se afirmou tanto a nível interno como internacional, como um cartaz turístico e cultural projectando o nome de Sintra além-fronteiras.**
- Com efeito, o esforço que foi realizado tanto na qualidade artística como na diversidade de eventos que passaram a integrar a programação do Festival, a par com uma agressiva política de divulgação e promoção/publicidade, permitiu que passados poucos anos o FS se transformasse numa referência a nível nacional.
- **Os três ciclos, – musica, dança e recriações históricas** -, que durante um período relativamente largo de tempo, **compuseram a programação artística do Festival de Sintra, constituíram-se num enorme cartaz turístico de Sintra**, atraindo a esta zona no período estival, milhares de visitantes, portugueses e estrangeiros, constituindo uma mais-valia para toda a actividade turística e económica da região.

Festival de Sintra

Palácio Nacional da Pena



PALÁCIO NACIONAL DA PENA

Festival de Sintra
Palácio Nacional de Queluz
Sequeira Costa



PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

Festival de Sintra

Quinta da Piedade



QUINTA DA PIEDADE

Festival de Sintra

Quinta da Piedade



QUINTA DA PIEDADE

Festival de Sintra

Quinta da Regaleira



QUINTA DA REGALEIRA

Festival de Sintra

Jardins de Monserrate



MONSERRATE

Festival de Sintra Jardins de Monserrate



MONSERRATE

Festival de Sintra

Centro Cultural Olga Cadaval



Festival de Sintra

Centro Cultural Olga Cadaval



Festival de Sintra

2007



SEQUEIRA COSTA



S.B. KOVACEVICH

Festival de Sintra

2007

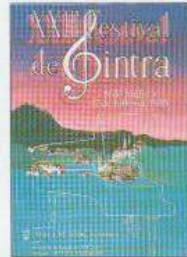


NELSON FREIRE



GRAHAM JOHNSON

Programas Festival de Sintra



1988



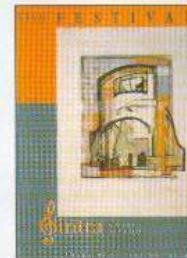
1989



1990



1991



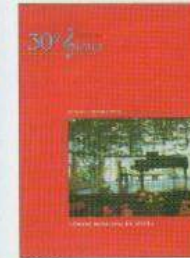
1992



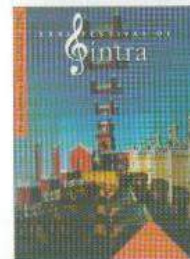
1993



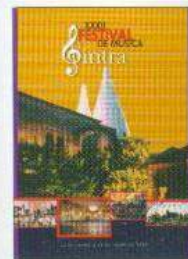
1994



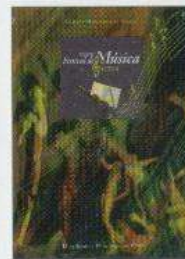
1995



1996



1997



1998

Programas Festival de Sintra



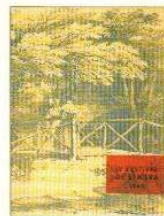
1957



1958



1959



1960



1968



1969



1970



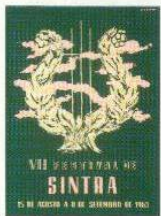
1971



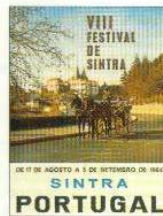
1961



1962



1963



1964



1972



1973



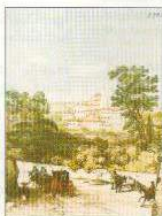
1983



1984



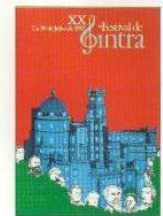
1965



1966



1967



1985



1986



1987